

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCAS FERNANDES DALCIN

A CRIAÇÃO DE MANGÁS COM DEFICIÊNCIA COMO DISPOSITIVO PARA
DISCUSSÃO SOBRE PRECONCEITO

MATINHOS – PARANA

2019

LUCAS FERNANDES DALCIN

A CRIAÇÃO DE MANGÁS COM DEFICIÊNCIA COMO DISPOSITIVO PARA
DISCUSSÃO SOBRE PRECONCEITO

Monografia/TCC apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma nova Educação, Setor de Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

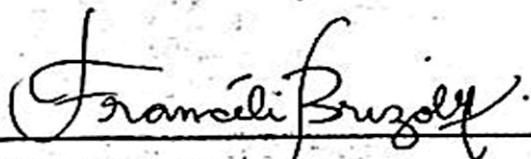
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Francéli Brizolla

MATINHOS - PARANA

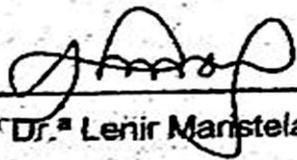
2019

TERMO DE APROVAÇÃO**LUCAS FERNANDES DALCIN****A CRIAÇÃO DE MANGÁS COM DEFICIÊNCIA COMO DISPOSITIVO PARA
DISCUSSÃO SOBRE PRECONCEITO**

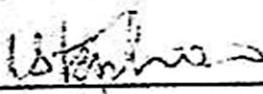
Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.



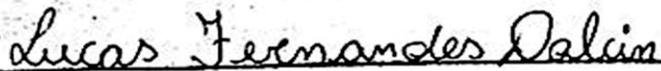
Prof.ª Dr.ª Francieli Brizolla
Orientadora



Prof.ª Dr.ª Lenir Maristela Silva



Prof.ª Esp. Samyra de Lourdes Stephan



Lucas Fernandes Dalcin

Matinhos, 05 de dezembro de 2019.

Dedico este trabalho a pessoa com deficiência que busca todos os dias o seu lugar no mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem sua permissão nada seria possível.

Aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado.

Aos amigos que conheci nessa caminhada na ANE, em especial, a Solange Triunfo Kehl, que me acolheu e abriu as portas da escola Governador Moises Lupion para que este projeto fosse possível.

À professora Luciane Lourenço que gentilmente me recebeu em sua sala de aula.

Aos alunos, pois sem eles essa troca de saberes seria impossível.

A Inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as
igualdades.
Paulo Freire

RESUMO

O presente relato tem como objetivo descrever a experiência e a importância da conscientização quanto à inclusão e respeito às pessoas com deficiência por meio da técnica do mangá, com oficinas direcionadas para crianças do 5º ano da Escola Municipal Governador Moisés Lupion, localizada na cidade de Guaratuba – Paraná. O mangá oferece diversas situações para ser utilizado pelo professor, principalmente, sua popularidade e linguagem entre os jovens e crianças e adultos. O fácil acesso a esse material e a variedade de temática auxilia a sua compreensão e o torna uma forma lúdica de ensinar. O trabalho realizado com os mangás na referida escola fez parte da trajetória e experiências vividas por um arte-educador autista durante sua trajetória no curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação (ANE), da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral. Tal formação ocorreu de maio de 2018 a dezembro de 2019.

Palavras-chave: Deficiência. Ensino. Mangá.

ABSTRACT

The present report aims to describe the experience and the importance of raising awareness regarding inclusion and respect for people with disabilities through the manga technique, with workshops aimed at children of the 5th year of the Governador Moisés Lupion Municipal School, located in the city of Guaratuba - Paraná. The manga offers several situations to be used by the teacher, mainly, its popularity and language among young people and children and adults. The easy access to this material and the variety of thematic helps its understanding and makes it a fun way to teach. The work carried out with the manga in that school was part of the trajectory and experiences lived by an autistic art-educator during his trajectory in the Specialization course in Alternatives for a New Education (ANE), of the Federal University of Paraná - Setor Litoral. Such formation took place from May 2018 to December 2019.

Keywords: Disability. Education. Manga.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Idosoteca.....	3
Figura 02 – Idosoteca e a inclusão.....	3
Figura 03 – Lucas Dalcin.....	4
Figura 04 – Lucas Dalcin.....	4
Figura 05 – Lucas Dalcin.....	4
Figura 06 – Passos da ANE.....	6
Figura 07 – Participação do módulo Inclusão – ANE.....	7
Figura 08 – ANE na Roda – coletivo.....	7
Figura 09 – Animação “Os azuis”.....	8
Figura 10 – Participação no módulo Inclusão da ANE.....	8
Figura 11 – Participação no módulo Inclusão na ANE Paulista - CEU Heliópolis.....	9
Figura 12 – Participação módulo inclusão em Ibiúna.....	9
Figura 13 – Oficina.....	15
Figura 14 – Produção de desenhos na oficina.....	15
Figura 15 – Mangás desenhados no quadro da sala de aula.....	16
Figura 16 – Composição dos grupos por deficiência.....	17
Figura 17 – apresentação grupo cadeirante.....	18
Figura 18 – apresentação do grupo visual.....	18
Figura 19 – Apresentação grupo autismo.....	19
Figura 20 – Apresentação grupo deficiência auditivo.....	20
Figura 21 – Apresentação grupo deficiente físico.....	20
Figura 22 – Apresentação grupo deficiente físico.....	21
Figura 23 – Cenas do filme “Cuerdas”.....	21
Figura 24 – Criação de personagens.....	22
Figura 25 – Encerramento da oficina.....	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	01
2	RELATO AUTOBIOGRAFICO: MINHA HISTÓRIA DE VIDA E EDUCAÇÃO.....	02
3	RELATO DE EXPERIENCIAS: NOVOS DESAFIOS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO.....	05
4	REFERENCIAIS PARA CONSTRUÇÃO, DESENVOLVIMENTO E REFLEXÃO DO PROJETO ANE.....	10
4.1	PRECONCEITO.....	10
4.2	DEFICIÊNCIA.....	10
4.3	INCLUSÃO.....	11
4.4	MANGÁ.....	12
5	METODOLOGIA.....	13
6	DESENVOLVIMENTO DA INTERVENÇÃO.....	14
6.1	RELATO DO DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS.....	14
6.2	OS TRABALHOS DOS GRUPOS.....	17
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
	REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de atividades de intervenção realizada no decorrer da Especialização Alternativas para uma Nova Educação - ANE que realizei na Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral no período de maio de 2018 a dezembro de 2019.

Esse projeto foi criado para que as crianças, adolescentes e adultos possam ver que uma pessoa com deficiência pode fazer a mesma coisa que uma pessoa sem deficiência quando lhe é dada a oportunidade, que o preconceito não nos leva a nada só nos faz perder. O projeto a Criação de Mangás com deficiência como dispositivo para discussão sobre preconceito, procurou mostrar a realidade, e que podemos com um gesto de gentileza e de amor e respeito tornar a vida mais inclusiva. Demonstrou, assim, a importância de se tratar a questão deficiência e do preconceito.

Esta experiência se deu na Escola Municipal Governador Moysés Lupion, localizada em Guaratuba (Paraná/BR). Levando o projeto “Criação de Mangás com deficiência como dispositivo para discussão sobre preconceito” para a sala de aula foi possível dar a minha contribuição ensinando as técnicas do mangá, um desenho japonês utilizado desde a década de 20; sabemos que deficiência é uma limitação que pode ser física, sensorial ou intelectual. E toda atitude discriminatória contra uma pessoa seja por crenças, raça, cor ou opção sexual ou qualquer outro motivo é preconceito, sabemos que educação vai muito além de ensinar, são os hábitos de vida a forma que passamos o conhecimento a informação para o outro de geração em geração.

A educação se dá por meio de experiências vividas.

O presente relato tem como objetivo descrever a experiência e a importância da conscientização e do respeito à pessoa com deficiência e a conscientização contra o preconceito, pois com esta consciência nos tornamos pessoas mais inclusivas. Os alunos envolvidos nesta ação, por meio de seus desenhos e pesquisa, puderam mostrar seus conhecimentos sobre o assunto, de uma forma lúdica, sem cobranças, com muito incentivo a pesquisar o assunto e compartilhar o saber com o outro.

Considero, assim, meu projeto como uma forma alternativa de educação por meio de vivências com integração e aprendizagem coletiva, como por mim também vivenciado na ANE (Alternativas para uma Nova Educação).

2 RELATO AUTOBIOGRÁFICO: MINHA HISTÓRIA DE VIDA E EDUCAÇÃO

Iniciei minha trajetória escolar na idade apropriada - cinco anos - com jardim seguido de pré-escola e ensino fundamental. A maior parte dos meus estudos foi na rede particular do Colégio Adventista na cidade de Piracicaba - SP que tem uma educação tradicional e cristã; então sempre fui bem acolhido pelos professores, funcionários e alunos, sempre tive ajuda da coordenação pedagógica da escola. Mas, por motivos particulares e também financeiros de meus pais, foi necessária a mudança para uma escola pública e, na sequência, uma escola privada não adventista. Em ambas sofri *Bullying* (como ser excluído dos trabalhos, das atividades de educação física, ganhar apelidos, ser afrontado com, por exemplo, colegas jogar bolinha de papel em mim e outras tantas coisas desagradáveis); não tive apoio por parte de professores e direção nestas situações.

Retornei ao colégio adventista de Piracicaba no Ensino Médio por meio de uma seleção para bolsa de estudo na qual não fui aprovado; contudo, fui convidado a voltar como aluno e funcionário dentro da cota para pessoas com deficiências (PCD) onde permaneci até finalizar esta etapa.

Minha caminhada acadêmica até aqui não foi nada fácil; sou autista e disléxico, mas isso não me impediu de realizar o meu sonho de ser um arte-educador. Foi atravessando as barreiras, como passar por três vestibulares, até me tornar um aluno no curso Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral no ano de 2015. Iniciei a minha graduação em 2012 e devido a problemas burocráticos de ordem interna da universidade só me efetivo como aluno no ano de 2015.

Sempre contei com o apoio da minha mãe que prestou vestibular junto comigo e durante quatro anos passamos de mãe e filho para companheiros de estudo e amigos de faculdade, uma experiência muito boa. Fiz vários amigos, o que para um autista, é muito importante. No último ano da minha graduação pude contar com o apoio pedagógico que me foi disponibilizado pela universidade por intermédio da SEPOL - Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis. Duas pessoas muito

importantes para mim foram a Wanderleia e Patrícia. A colaboração pedagógica e humana, assim como a amizade delas, me ajudou muito, fizeram parte da construção de vários trabalhos, como o meu trabalho de conclusão do curso denominado “Idosoteca: possíveis benefícios de um espaço lúdico”. A Idosoteca foi pensada como um espaço de promoção de bem estar e inclusão aos idosos com jogos, oficinas de artes e artesanato. Foi desenvolvida no asilo São Vicente de Paulo na cidade de Paranaguá (Paraná/BR). Essa experiência ocorreu em 2017.

Figura 01: Idosoteca



Fonte: o autor, 2017

Esta foto retrata um momento da inclusão de um idoso com mobilidade reduzida com dificuldades de comunicação participando da Idosoteca com todo cuidado e carinho.

Figura 02: Idosoteca e a inclusão



Fonte: o autor (2017)

Após a experiência da graduação, finalizada em 2017, iniciei na vida profissional no mesmo ano, no Colégio Adventista de Paranaguá-PR, como bibliotecário dentro da cota para pessoas com deficiências (PCD), pois não havia vaga disponível para professor de Artes. Nessa experiência, pude ter um contato direto com os alunos e professores e ver a necessidade de levar ao conhecimento o assunto deficiência e inclusão de uma forma lúdica e dentro da linguagem da arte.

Dentro da área da educação é preciso estar em constante formação; essa necessidade e também uma visão diferenciada de educação pude ter na minha graduação em Licenciatura em Artes na Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, pois realiza um ensino diferenciado. A experiência positiva e a consciência da necessidade de aperfeiçoamento fez com que eu procurasse uma pós-graduação que atendesse a minha necessidade profissional, mas acima de tudo a minha visão de educação inovadora. Eu já tinha conhecimento da ANE por intermédio de alguns professores da universidade e, desse modo, busquei cursá-la.

O trabalho com base no Mangá e na deficiência desenvolvido na ANE foi inicialmente experienciado como um trabalho de final do módulo do curso de Artes, onde retrato em forma de mangá pessoas com diversas deficiências seguidas de um texto explicativo sobre a deficiência e seus direitos, tudo em formato de um grande Livro que foi exposto no Auditório da Universidade, no Setor Litoral, com o objetivo de conscientizar sobre a inclusão e o preconceito. Os dois trabalhos obtiveram nota máxima. Essa experiência ocorreu em 2017.

Figura 03: Lucas Dalcin



Figura 04: Lucas Dalcin



Figura 05: Lucas Dalcin



3 RELATO DE EXPERIÊNCIAS: NOVOS DESAFIOS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO

Meu primeiro contato com a ANE (Alternativas para uma Nova Educação) foi nas I e II CONANE Caiçara (Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação), no ano de 2016 e 2017. Como em qualquer ingresso como acadêmico foi preciso passar por uma seleção onde apresentei o meu projeto de transformar o trabalho do mangá com deficiência e preconceito em uma oficina, na qual se trabalhariam as técnicas do mangá como instrumento para falar de inclusão e de respeito à pessoa com deficiência e os preconceitos por elas sofridos. A referida oficina foi planejada para desenvolvimento com crianças, dando vazão ao meu interesse em fazer parte de uma educação inovadora e emancipatória, inclusiva, educação por meio de vivências com integração e aprendizagem coletiva centralizada em projetos. Tive a certeza de que poderia falar de inclusão e ser ouvido.

Como parte integrante da ANE, já no primeiro encontro fui muito bem recebido por todos e pude notar que não estava sozinho nessa caminhada; havia um coletivo diverso pessoas de faixas-etárias diferentes (intergeracional), de lugares diversos (Inter territorial), com formações acadêmicas diversas (interdisciplinares), com histórias de vida diferentes (interexperencial) e de culturas diferentes (intercultural). Todos, contudo, interligados por uma educação inclusiva e sem barreiras.

Uma das atividades da ANE foi que cada um contasse um pouco de sua história de vida e de seu projeto; isso ficou marcado para mim, pois foi quando conheci a Ligia Claudia Timóteo, outra aluna da ANE, pessoa com deficiência auditiva, usuária de Libras – Língua Brasileira de Sinais.

Conhecer o outro e dividir com o outro, estar sentado em roda nos torna iguais; todos ensinam e todos aprendem - isso é uma nova educação.

Segundo Tião Rocha “A Pedagogia da Roda nos ensinou que “um ponto de vista é a vista a partir de um ponto.”

Na ANE ninguém trabalha sozinho, mas em rede de aprendizado para promover o desenvolvimento social e sustentável.

Relembro, ainda, um dos encontros que ocorreu em uma chácara, com muitas atividades e integração; assim são os passos da ANE, um cuidando do outro, dando suporte e caminhando juntos, trocando experiências para uma nova educação.

Figura 06: Passos da ANE



Fonte: acervo ANE (2018)

E foi trocando experiências no coletivo que passei de “aluno ANE” a protagonista. Fui convidado pela professora Francéli Brizolla para falar sobre a minha história de vida e de educação; confesso que fiquei com certo receio, mas tomei coragem, preparei o material e assumi o protagonismo como mediador em um dos encontros da especialização e posso afirmar que foi uma experiência muito enriquecedora para mim e fortaleceu muito o meu projeto, pois estava totalmente ligado aos objetivos dele, mesmo que atuando, naquele momento, de uma forma diferente.

Para este encontro, preparei um áudio e vídeo e a minha fala foi contar a minha história. Iniciamos o encontro normalmente, como em todos os outros; a professora Francéli deu início simulando uma fala uma aula tradicional, o que é algo muito evitado na ANE; durante essa fala, liberava-se o áudio com som de uma sala de aula bem agitada, com muitas crianças falando ao mesmo tempo em que o professor ministra o conteúdo. A medida que o coletivo ANE tentava prestar atenção no que a professora estava explicando este áudio tinha o seu volume aumentado até chegar ao ponto do coletivo reclamar que não era possível ouvi-la, tampouco, se concentrar na sua fala. Segundo nos define o dicionário a empatia refere-se à

capacidade de colocar-se no lugar do outro e a alteridade propõe um respeito ético ao outro como ser singular. A tolerância ao outro ao diferente surge na alteridade.

Então, este era o momento exato para eu entrar com a minha fala e explicar que era exatamente assim que um aluno autista muitas vezes se sente - eu me sinto assim em meio a muitas pessoas. Hoje já tenho o domínio da situação, sei me retirar do local, mas o aluno que ainda é uma criança e não tem o controle da situação, como se sente? Esse exercício foi realizado para chamar a atenção dos educadores para a necessidade de se ter um olhar especial para o aluno autista e procurar atender as suas necessidades.

Figura 07: Participação do módulo Inclusão – ANE.



Fonte: acervo ANE (2019)

Figura 08: ANE na Roda - coletivo



Fonte: acervo ANE (2019)

Em seguida foi passado o vídeo “Os Azuis”, de Mauricio de Souza, com a Turma da Monica. Este vídeo fala sobre preconceitos; mesmo tendo uma linguagem infantil, atinge todas as idades e faz repensar nossas atitudes.

Figura 09: Animação “Os azuis”



Fonte: o autor (2019)

Depois da apresentação do vídeo, deu-se início a minha fala trazendo a minha história, conflitos, medos e conquistas enquanto aluno e arte educador autista.

Figura 10: Participação no módulo Inclusão da ANE.



Fonte: acervo ANE (2019)

Esta “aula da ANE” foi ministrada também para os educadores e alunos da turma ANE Paulista. Estivemos presentes no encontro em São Paulo, no bairro

educador e na Escola CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli, abordando o tema inclusão e também falando de várias alternativas para que um estudante com uma deficiência tenha o direito de estar inserido em qualquer ambiente escolar e de trabalho.

Figura 11: Participação no módulo Inclusão na ANE Paulista - CEU Heliópolis



Fonte: acervo ANE (2018)

Também compartilhamos essa experiência na Escola Antônio Coelho Ramalho, que se encontra no interior de São Paulo, na cidade de Ibiúna; esta escola tem o seu ensino pautado na linguagem Ana Mae Barbosa. Conversamos com os alunos e educadores e, em seguida, os alunos fizeram uma apresentação musical.

Figura 12: Participação módulo Inclusão em Ibiúna



Fonte: acervo ANE (2018)

Todas essas trocas de saberes me fortaleceram e enriqueceram o meu projeto pautado no objetivo de levar informação e proporcionar conscientização quanto a um tema que, para mim, é muito importante e necessário falar, pois trata-se mais que uma luta pessoal, é uma luta educacional.

4. REFERENCIAIS PARA CONSTRUÇÃO, DESENVOLVIMENTO E REFLEXÃO DO PROJETO ANE

A “Criação de Mangás com deficiência como dispositivo para discussão sobre preconceito” nasce, portanto, de um trabalho de conclusão de módulo no Curso de Licenciatura em Artes que, no início, era um grande livro para uma exposição de artes. Foi transformado em oficinas de artes com o objetivo de promover o desenvolvimento e aprendizagem por meio da técnica de Mangá para conscientização sobre deficiência e preconceito e a importância da inclusão.

A seguir, apresento alguns conceitos importantes que fundamentam este tema.

4.1 O preconceito

Deparamo-nos frequentemente com o preconceito, que pode surgir muitas vezes de forma sutil o que, segundo Koehler (2003), é uma violência psicológica que não deixa marcas explícitas. Muitas vezes, ele encontra-se em nós mesmos, sendo mais fácil, no entanto, reconhecê-lo no outro. Trata-se de um fenômeno produzido na tensa relação entre indivíduo e sociedade, devendo, portanto, ser compreendido a partir do diálogo entre as dimensões psicológica e social que constituem os processos de humanização.

Na oportunidade, os alunos realizaram pesquisa e desenhos utilizando a técnica do mangá com o objetivo de expressar ideias e sentimentos e, conseqüentemente, resgatando algum familiar com necessidades especiais ou ele próprio. O exercício também teve como objetivo identificar o preconceito e o *bullying*.

Os trabalhos desenvolvidos também auxiliam a coordenação motora e coordenação motora fina.

4.2 Deficiência

Segundo Amaral (1995), deve-se associar deficiência a toda alteração do corpo ou aparência física, de um órgão ou de uma função, qualquer que seja sua causa, em princípio significando perturbações no nível do órgão. Tais perdas ou alterações podem ser temporárias ou permanentes e incluem a existência ou ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou outra estrutura do corpo, incluindo a função mental.

Sabemos que nem toda deficiência é visível, porém, todas devem ser respeitadas e ter seus direitos garantidos.

No Brasil, perante a Lei Nº 13.146 (de 6 de Julho de 2015), temos nossos direitos e liberdades fundamentais assegurados e amparados, ou, pelo menos, deveríamos tê-los, como está descrito nos Art. 1º e 2ª, a seguir:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015)

4.3 Inclusão

Inclusão é um ato de respeito e amor ao próximo; se temos a consciência do que é deficiência e preconceito, passamos a praticar a inclusão.

A inclusão pode estar associada à ideia de uma comunidade de aprendizagem diferente, dentro da qual as pessoas atingem níveis mais altos de desenvolvimento juntas do que conseguiram separadamente. (PACHECO, 2007, p. 115)

Todos nós temos o direito de estar incluído na sociedade independente da nossa condição física, mental ou social. Esse direito está garantido nas Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, desde 2008.

Desde o nascimento até a idade adulta, toda e qualquer pessoa que necessita, tem direito à Educação Inclusiva, sendo os serviços de saúde e

assistência social correlatos e em que o sistema especializado deve ser realizado em período oposto ao ensino regular, na própria escola ou em centro especializado.

Na área de Educação Especial é necessária a formação específica, sendo assim, capaz de criar estratégias referentes à prática cotidiana, além de contemplar conhecimentos de gestão de sistema educacional inclusivo, a fim de desenvolver projetos em parceria com outras áreas, permitindo assim qualidade de vida em diferentes setores, tais como acessibilidade arquitetônica, saúde, assistência social entre outros.

Desta forma, os sistemas de ensino devem ser participantes da constituição dos diferentes campos relativos à aprendizagem, de modo a valorizar as diferenças e auxiliar aos alunos da melhor maneira possível em relação às necessidades educacionais.

As atividades escolhidas para a oficina contribuem no processo de aprendizagem, na promoção da autonomia e de sociabilidades, além de fortalecer vínculos familiares e o convívio com os outros.

4.4 Mangá

O mangá teve origem na época feudal, através do Teatro das Sombras (Oricom Shohatsu), viajavam por vilarejos contando lendas através de fantoches. Foram publicados na década de 20, mas reconhecidos depois da década de 40. São histórias em quadrinhos japonesas, diferentes das tradicionais, com leitura de trás para frente.

Durante a Segunda Guerra Mundial a produção foi interrompida, sendo retomada em 1945, já que poucas atrações culturais restaram. Nesta época surgiu o chamado “Walt Disney Japonês”, Ossamu Tezuka foi criador dos olhos grandes e expressivos, traços marcantes dos mangá.

A técnica pode ser em forma geométrica, palito, que é a técnica da cópia. Mangás são histórias em quadrinhos japonesas, ao contrário das histórias em quadrinhos convencionais, sua leitura é feita de trás para frente.

Outra forma de se utilizar a técnica é por meio do Mangá Real, o qual conta a história de vida e superação de uma pessoa, temos vários exemplos como Haole, surfista negra que perdeu parte de uma das pernas num ataque de tubarão; e, Real,

que conta a história de superação de três jovens que encontram no esporte a ajuda para sua reabilitação.

A oficina proporcionou um momento de socialização entre os alunos e professores e ajuda na prevenção do preconceito e *bullying*.

5 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento das oficinas de Mangá foram organizadas da seguinte forma:

- Realização de atividade de roda, onde cada um conta um pouco de sua vida;
- Solicitação, aos alunos, para relembrem um momento específico de suas vidas e momento que sofreu preconceito e vivenciou com algumas pessoas com deficiência;
- Produção de desenho para representar esta memória;
- Exposição dos trabalhos no mural para apreciação das artes de todos.

A técnica do mangá é realizada com os seguintes passos:

- 1º. Escolher os oponentes para formar o grupo;
- 2º. Escolher o tema a ser trabalhado em grupo;
- 3º. Expor os trabalhos no mural para que todos possam ver as artes realizadas.

- Os alunos devem apresentar a pesquisa por eles realizada.
 - Apresentação de vídeo feita pelo professor.
1. Criar um personagem com deficiência com forme à pesquisa do seu grupo utilizando a técnica do mangá;
 2. Pedir aos alunos para criar falas de ajuda ou incentivo para o seu personagem com deficiência;
 3. Pintar com lápis de cor ou canetas coloridas;
 4. O professor deve motivar os alunos a falar o que acharam deste momento de apresentação de pesquisa e vídeo da oficina em geral uma troca de experiência.
- Expor os trabalhos no mural para que todos possam ver as artes realizadas.

6 DESENVOLVIMENTO DA INTERVENÇÃO

Este projeto de oficinas foi planejado e idealizado para alunos de 5º ano; no início imaginei em aplicá-las no colégio em que trabalho, um colégio particular cristão, também da região do Litoral Paranaense, por vários fatores, como a facilidade por já estar inserido no mesmo pelo convívio com os alunos e professores, pois trabalho diretamente com eles, atuando na biblioteca da referida escola. Assim, apresentei o projeto à coordenação e direção do colégio e, para minha surpresa, não obtive autorização para realizar as oficinas com a alegação de que o tema do projeto não se encaixava nos parâmetros curriculares da instituição.

Deste modo, compartilhei o projeto com a Escola Municipal Governador Moysés Lupion, em Guaratuba, por meio do contato com a coordenadora Solange Triunfo Kehl a qual, de imediato, foi favorável a receber as oficinas juntamente com a professora do 5º ano, Luciane Lourenço, que me deu total autonomia para realizar as oficinas. As oficinas foram realizadas com os alunos em dois dias da semana, com o seguinte calendário:

- terça-feira, 03 de Setembro 2019;
- quinta-feira, 05 de Setembro de 2019, dividido em dois períodos antes e depois do intervalo no período matutino.

Podemos considerar como quatro oficinas, pois cada uma teve uma lógica própria, com início, meio e fim.

6.1 Relato do desenvolvimento das Oficinas

“Bom dia”! Gosto muito de usar esta expressão de desejar ao outro algo bom; segundo o dicionário, a saudação de "bom dia", além de ser um cumprimento, significa o desejo de que o outro tenha um dia tranquilo. Assim iniciamos nossa primeira oficina, trocando experiências, um momento de nos conhecer e cada um falou um pouco sobre sua história.

Em seguida, foi perguntado se eles conheciam alguma pessoa com deficiência ou se já haviam presenciado alguma forma de preconceito. Houve vários relatos, como:

“Minha avó é idosa e tem problemas nas pernas e pegou o ônibus e ninguém deu o lugar para ela sentar”.

“Tenho um primo que é autista e minha tia já teve que sair da loja com ele porque as pessoas ficaram olhando”.

“Meu vizinho usa cadeira de rodas e às vezes não pode sair, pois não tem quem o ajude”.

“Aqui na escola temos vários alunos e a professora Ligia que são deficientes auditivos”.

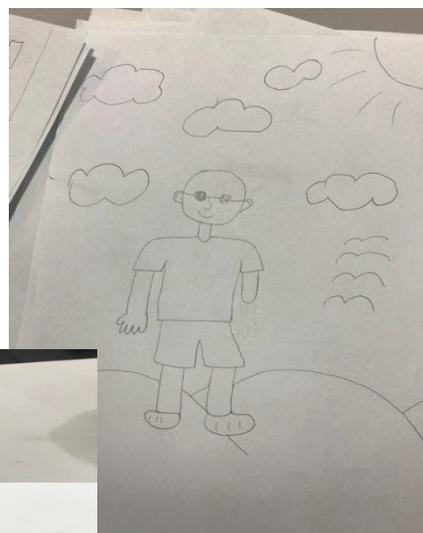
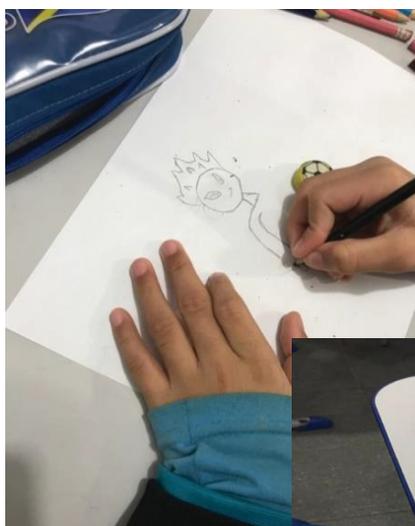
Depois de vários relatos e trocas de informações, foi solicitado que fizessem um desenho que poderia representar esta conversa ou um tema livre.

Figura 13: Oficina

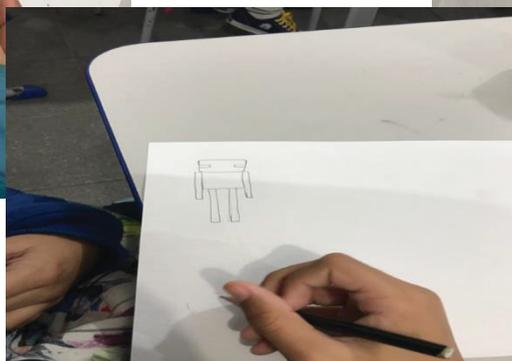


Fonte o autor (2019)

Figura 14: Produção de desenhos na oficina



Fonte o autor (2019)



Com os trabalhos expostos nas carteiras e os alunos livres para visitar e observar os desenhos dos colegas encerrou-se a primeira oficina.

Após o intervalo, retornamos a sala de aula que todos se acomodassem. Estávamos em uma sala mista de aproximadamente 35 alunos. Todos já tranquilos e acomodados, retomamos a nossa nova oficina, agora já com o tema deficiência e preconceito inserido e representado por meio do desenho.

Foi apresentado para as crianças um pouco da história do mangá e também a sua técnica - como fazer os traços, como usar as formas geométricas no desenho, como criar um personagem e como podemos retratar uma história de vida por meio do mangá, a exemplo dos mangás já existentes que contam histórias reais de superação.

Figura 15: Mangás desenhados no quadro da sala de aula



Fonte o autor (2019)

Dentro desta proposta foi pedido para que os alunos pesquisassem sobre deficiências e apresentassem esta pesquisa para a sala.

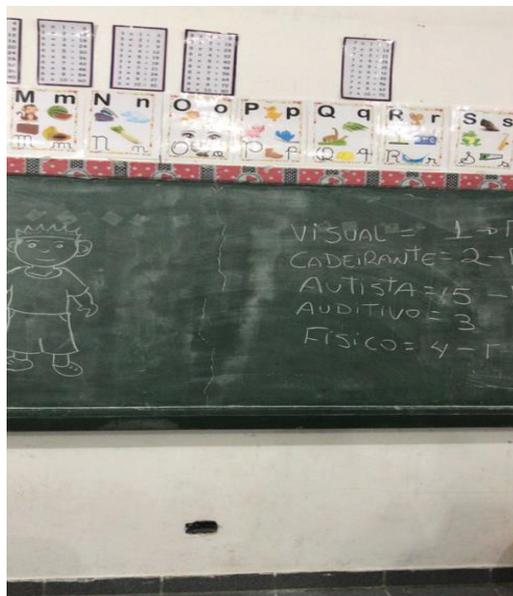
Segundo Freire (2002, p. 83),

Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de 'tomar distância' do objeto, de observa-lo, de delimita-lo, de cindi-lo, de 'cercar' o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar.

Quando tratamos de um assunto, é necessário mexer com a curiosidade dos alunos e não apenas passar o conhecimento e, por meio da pesquisa e da construção de uma apresentação, isso se faz.

Os próprios alunos escolheram a deficiência a ser pesquisada e os integrantes de cada grupo, levando em conta a disponibilidade de cada um.

Figura 16: Composição dos grupos por deficiência



Fonte: o autor (2019)

Assim, finalizamos esta oficina com os cinco grupos definidos e com o tema da pesquisa escolhido: deficiente visual, cadeirante, autista, deficiente auditivo e deficiente físico.

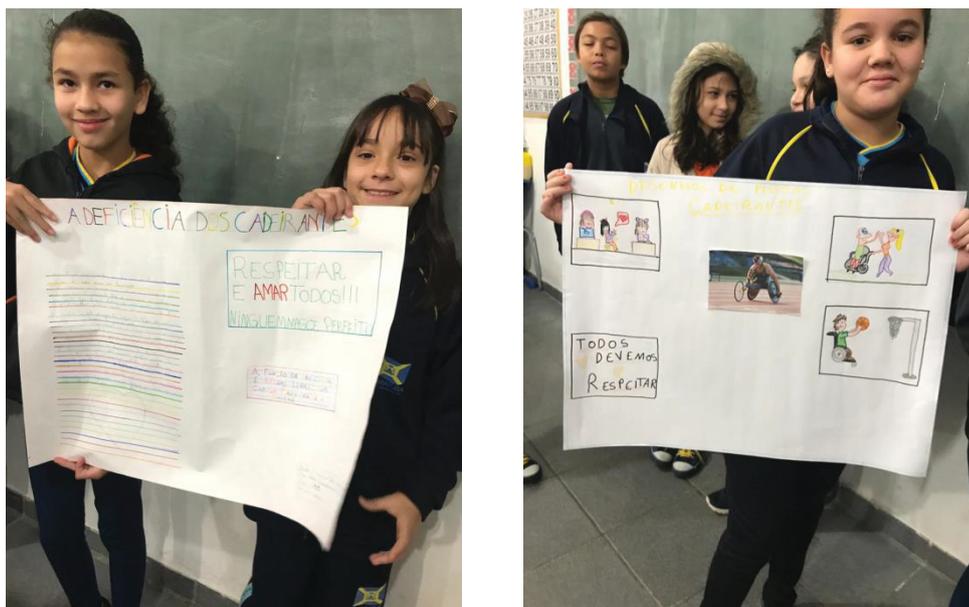
No dia 05 de Setembro de 2019 iniciamos nosso último dia de oficina. Com a saudação de bom dia, começamos a nos preparar para apresentação das pesquisas; confesso que estava ansioso para ver o resultado e as crianças também em trazer o resultado de seus trabalhos. Então, democraticamente iniciamos as apresentações; os estudantes se esforçaram e deram o seu melhor, entenderam a proposta das oficinas anteriores e tivemos trabalhos feitos com desenhos, textos e colagem, os quais abordavam não só o que retratava cada deficiência, mas cada um com uma mensagem de amor e respeito.

6.2 Os trabalhos dos grupos

Grupo “Cadeirante”

O grupo que representava os cadeirantes deixou como mensagem o amor e respeito. Respeitar e amar todos!! Ninguém nasce perfeito.

Figura 17: apresentação grupo cadeirante



Fonte: o autor (2019)

Grupo “Deficiente Visual”

O grupo representando os deficientes visuais deixou uma reflexão: “Cego não é o deficiente visual, mas sim aquele que a plena luz do dia anda na escuridão de suas indecisões e objetivos”.

Figura 18: apresentação do grupo visual

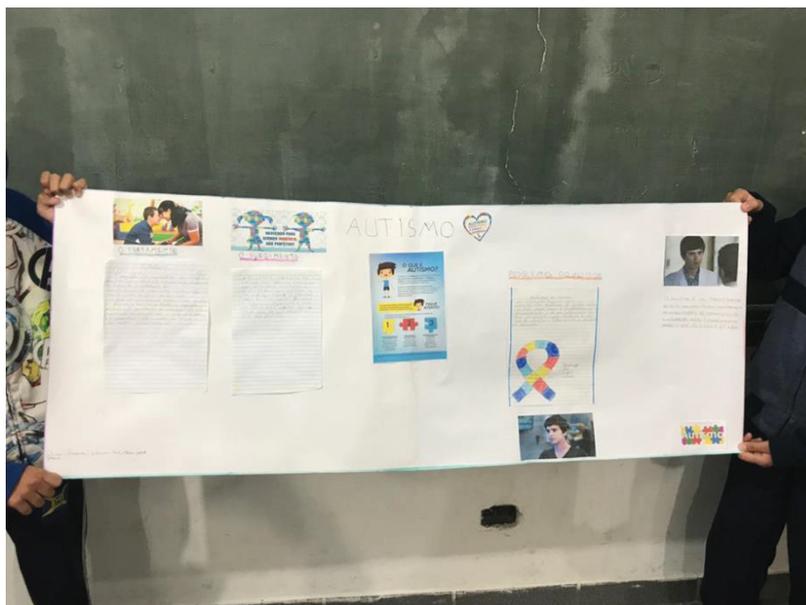


Fonte: o autor (2019)

Grupo “Autismo”

O Autismo foi o tema escolhido pelo terceiro grupo, sua mensagem foi: “Nascemos para sermos incríveis, não perfeitos. Autismo não é doença. É apenas uma diferença”.

Figura 19: Apresentação grupo autismo.



Fonte: o autor (2019)

Grupo “Deficiente Auditivo”

Este grupo teve um pequeno imprevisto, porém, isso não os impediu de apresentar a sua pesquisa.

O grupo era composto de seis alunos que se dedicaram a fazer a pesquisa e os cartazes para a apresentação. Três destes alunos ficaram com a parte dos cartazes e texto; por motivos particulares, os mesmos não compareceram à escola neste dia, então, demais alunos pediram para apresentar oralmente a pesquisa, mas sem se colocar a frente da sala, o que foi respeitado por todos.

Sua mensagem foi que todas as escolas deveriam acolher os deficientes auditivos e ter aulas de Libras.

Figura 20: Apresentação grupo deficiência auditivo.

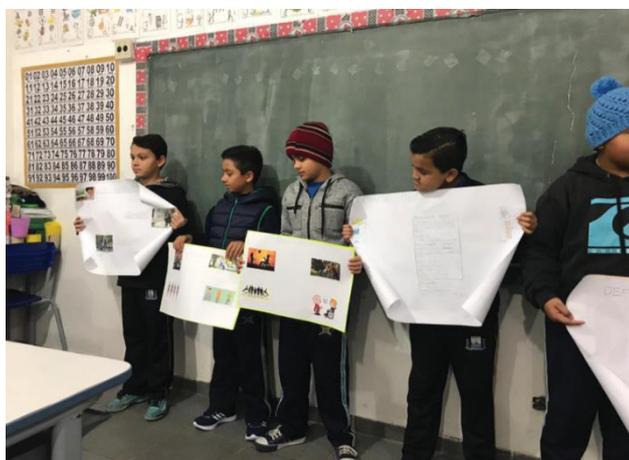


Fonte: o autor (2019)

Grupo “Deficiente Físico”

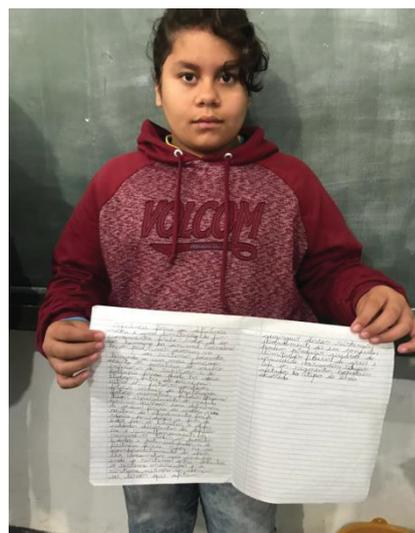
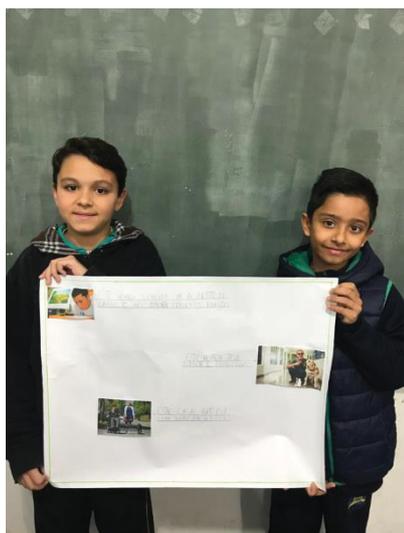
O Último tema apresentado foi sobre a deficiência física; por meio das suas pesquisas, os estudantes souberam que existem vários fatores que pode levar a uma deficiência física como acidentes, má formação congênita, esforço repetitivo entre tantas outras. A mensagem deixada por eles fala de respeito ao próximo: “Ame e respeite o próximo independente da sua condição física”.

Figura 21: Apresentação grupo deficiente físico.



Fonte: o autor (2019)

Figura 22: Apresentação grupo deficiente físico



Fonte: o autor (2019)

Na sequência das apresentações, foi exibido um vídeo que fala de deficiência e preconceito, mas também trata de inclusão, amor, respeito e amizade e tudo que se passa no ambiente escolar. *Cuerdas* é o segundo curta-metragem de Pedro Solís García. Foi vencedor do Goya® 2014 na categoria de "Melhor curta-metragem de animação espanhola".

Alguns alunos já conheciam o vídeo, outros ainda não, mas todos se emocionaram com a animação.

Conversamos a respeito de todo este momento de apresentações e as crianças colocaram de forma muito positiva.

Figura 23: Cenas do filme “Cuerdas”.



Fonte: Google (2019)

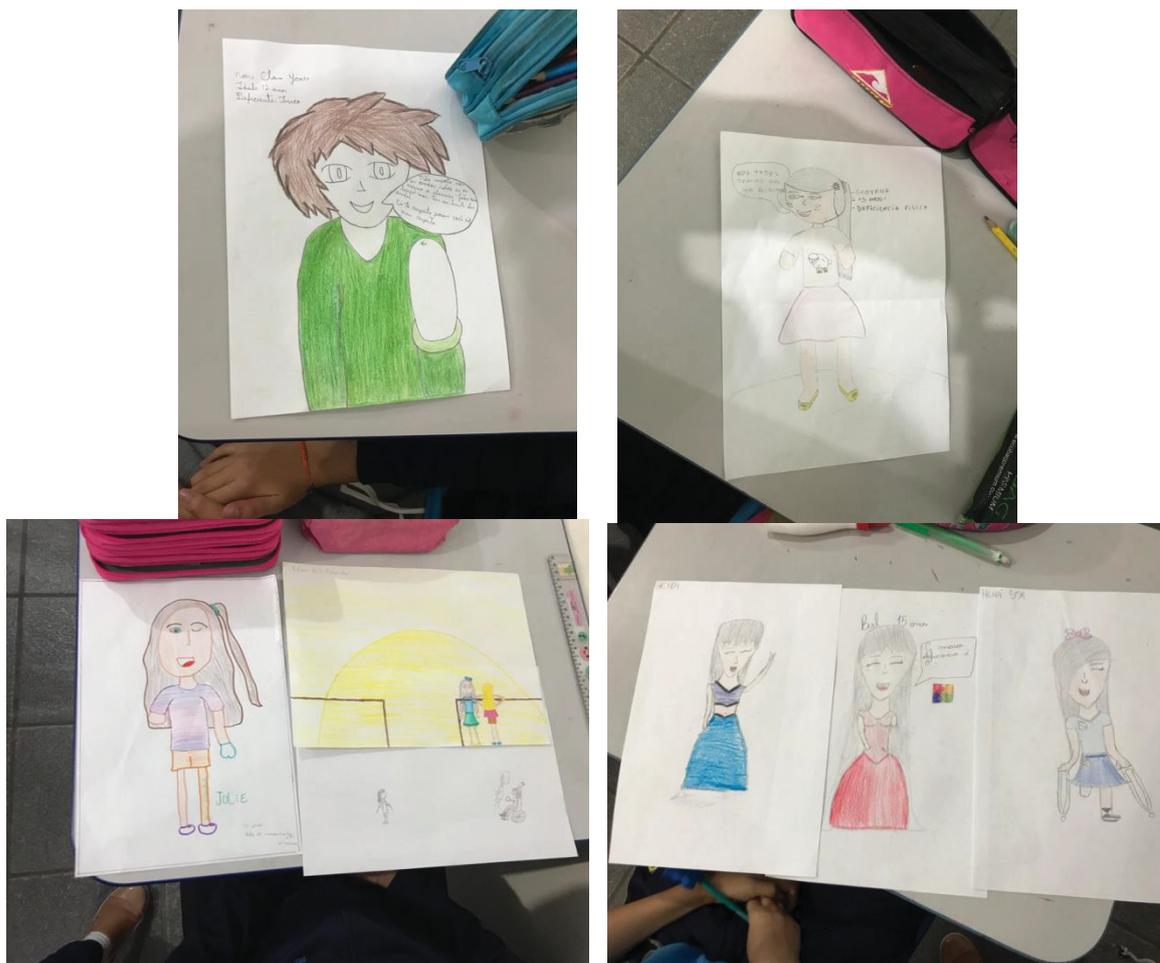
Retornamos do intervalo; as crianças estavam bem agitadas e muito falantes, com muita expectativa para última parte de nossa oficina - transformar todas as informações e saberes trocados em arte.

Seguindo os ensinamentos de Freire (1987, p.68), "Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes". E, desta forma, dividindo os saberes, iniciamos a criação dos personagens fazendo uso das técnicas de mangá já passada em outra oficina.

Na sequência, já com personagem criado por cada aluno, foi pedido que cada um criasse um fala para este personagem para transmitir uma mensagem de incentivo à pessoa com deficiência e conscientização quanto ao preconceito.

Os personagens ganham vida com o ato de colorir e dar um nome ao personagem.

Figura 24: Criação de personagens



Fonte: o autor (2019)

Assim chegamos ao final da última oficina, com a certeza de que as crianças tiveram a consciência e absorveram de uma forma divertida e prazerosa a importância do respeito e amor ao próximo.

Figura 25: Encerramento da oficina.



Fonte: o autor (2019)

Os trabalhos realizados ficaram à disposição da professora Luciane Lourenço que montou um mural no pátio da escola para compartilhar com os outros alunos e professores.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a minha missão neste projeto foi realizada com muito amor e respeito.

Tenho a certeza que, juntando a arte com a educação, foi possível trazer para os alunos uma nova alternativa de educação, que envolveu os alunos permitindo que eles se expressassem e tivessem o seu potencial valorizando. Neste ato já estamos exercendo a inclusão.

Desta forma, torna possível falar sobre deficiências e preconceitos com uma linguagem mais compreensiva.

Fazer parte da ANE - Alternativas para uma Nova Educação - me mostrou que isso é possível e essencial para romper com esse modelo de educação tradicional e dentro de um formato tão quadrado e repetitivo.

Tive como base para meu projeto os princípios da ANE de transformação, responsabilidade, diversidade e inclusão, solidariedade e autonomia

Vou seguir buscando aprender cada vez mais e compartilhando a minha experiência de vida, para que mais pessoas saibam que é possível se tivermos uma educação inclusiva que respeite e acolha o seu aluno e dê a ele a oportunidade de mostrar o seu potencial.

Enquanto ensino continuo buscando, repercurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1997, p. 32)

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A. **Conhecendo a Deficiência**: em companhia de fenômeno na relação professor-aluno. Tese de Doutorado. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

http://ep348v.blogspot.com.br/2012/03/politica-nacional-de-educacao-especial_8746.html> Acesso em: 23 Jan. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<https://www.dicio.com.br/alteridade/>

<https://www.dicio.com.br/empatia/>

<http://www.mariaclaudiaalencar.org/noticia/6>

<https://pt.wikihow.com/Desenhar-Mang%C3%A1>

<https://respeitarepreciso.org.br/cuerdas/>

[www.planalto.gov.br > ccivil_03 > ato2015-2018 > 2015 > lei](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei)

<https://www.significados.com.br/bom-dia/>

KOEHLER, S. M. F. **Violência psicológica**: um estudo do Mangá Haole. Disponível em: <http://sucodemanga.com.br/hq-traz-surfista-negra-com-deficiencia-fisica-como-protagonista/>. 2003. Acesso em 28 set. 2019.

Mangá Real. Disponível em:

<http://www.cantinhodoscadeirantes.com.br/2014/10/manga-real.html>>. Acesso em: 28 set. 2019.

O eu é mangá. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/artes/o-que-e-manga.htm>. Universidade de São Paulo, São Paulo. Acesso em: 29 set. 2019.

OS azuis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QX82lsTJTGI>. Acesso em: 29 set. 2019.

PACHECO, José. **Caminhos para a inclusão**. Porto Alegre: Artmed, 2007.